

Tática de Collor já confunde

MANOEL LIMA
Correspondente

Manaus — O candidato Fernando Collor de Mello, se quiser manter-se à frente das pesquisas de opinião e convencer o eleitorado mais esclarecido a acreditar em seu discurso, terá que abandonar a prática de velhos esquemas políticos, ultrapassados, exibidos em Manaus e em Boa Vista em menos de 24 horas; além, é claro, das alianças não muito recomendáveis que visam já agora às eleições em 1990 para governador. E mais, terá de ser menos polêmico e contraditório em suas posições ao abordar determinados temas. Em Manaus, por exemplo, para uma platéia heterogênea, com damas da sociedade, donas-de-casa, estudantes, jovens, profissionais liberais e empresários, Fernando Collor defendeu a preservação do Amazônia e a sua soberania como seu primeiro grande compromisso com a Nação. Em Boa Vista, que visitou no dia seguinte pela manhã, perante quase quinhentos garimpeiros, ele não pensou duas vezes e garimpou, isto é, prometeu mundos e fundos aos quase 150 mil homens que trabalham nas jazidas de ouro e que estão devastando as serras e os cerrados de Roraima, com suas batelas e mercúrio jogado nos rios e riachos do novo estado. Fernando Collor, na verdade, conseguiu empolgar uma razoável massa de simpatizantes em Manaus mais por sua beleza física — que as mulheres não abdicam em favor de um posicionamento mais realista do candidato em relação a problemas mais sérios do País — do que por suas posições coerentes. Ora o candidato do PRN prega a moralidade e a dignidade como padrão de honradez para quem quer presidir o Brasil; ora se contrapõe às suas próprias posições e promessas. E o caso de se perguntar se o candidato não faz tipos diferentes nos palanques para platéias diferentes. Se em Manaus ele obteve aplausos quando prometeu defender a Amazônia, em Boa Vista não se conteve com a informação de que o número de garimpeiros em Roraima é duas vezes e meia maior que o de eleitores do estado. E não teve dúvida em fazer um discurso com afirmações que fizeram os garimpeiros vibrarem, prometendo-lhes apoio e incentivos do seu governo. Quem não deve ter gostado dessa postura de Fernando Collor assumida rapidamente em Boa Vista, foram os ecologistas contrários à presença de garimpeiros na Amazônia. Em Manaus, seu discurso calou fundo entre os pesquisadores do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia e da Universidade do Amazonas. Mas Boa Vista se encarregou de mostrar as contradições do candidato. Quanto às alianças feitas em Manaus, pode-se pensar em tudo, nos velhos processos usados pelas velhas raposas políticas. Prometeu a um amigo seu, com quem almoçou — aliás o fez duas vezes no mesmo dia — ajudar a eleger governador do estado em

1990 o hoje vereador Mário Frota, seu preposto político no estado. No bojo do seu staff político no Amazonas estão muitos ex-arenistas, que apoiaram o movimento de 1964, como Deusmir Pereira e Hamilton Cidade, deputado pelo PFL e que acabou collorindo. Há ainda, segundo seus adversários, o acordo que teria feito com os usineiros de Alagoas em troca de apoio financeiro à sua candidatura. Isso só mostra que o candidato segue a mesma linha de velhos caciques da política brasileira. Seu discurso de campanha — é possível que venha a corrigi-lo, fazendo-o com mais consistência de argumentos — só consegue aplausos mais demorados quando ataca o que ele chama

de desgoverno Sarney. Foi assim em Manaus e em Boa Vista na entrevista à imprensa. Fernando Collor mostra igualmente ser fraco na abordagem de temas sérios como dívida externa, interna, recuperação do poder de compra do trabalhador. Seu tema preferido é de moralidade e dignidade no exercício da função pública; mas por que a intenção de retirar o aval do Brasil, como anunciou, aos empréstimos feitos no exterior pelos governos estaduais, prefeituras e empresas particulares? E não quer assumir o problema ou então se trata da comprovação de quem não está preparado para o cargo que pretende ocupar a partir 15 de

novembro. O que se observa no contato com Fernando Collor é que sua preocupação é apenas insistir num discurso cansado de caça aos marajás, de propor dignidade e moral para o Presidente da República. Parece até que alguém lhe disse certa vez: vai fundo, diz e insiste nessa tecla que o povão estará do seu lado. Se alguém lhe perguntar coisas estranhas a esse papel de bom ator até agora, perde-se ou foge da pergunta. São nestes pontos fracos do candidato do PRN que as raposas da política brasileira esperam dar o troco durante o horário gratuito da TV e do rádio, e fazê-lo despencar das pesquisas. Ver para crer? Só o tempo dirá. <